



# Os Troncos Velhos Pataxó de Cumuruxatiba em palavras

**Cristiane Maria de Oliveira –  
Jandaia Pataxó**

Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê  
cris.cumuru@hotmail.com

**Paulo de Tássio Borges da Silva**  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
(PROPED-UERJ)  
paulodetassiosilva@yahoo.com.br

**DOI: 10.22481/odeere.v3i5.4144**

**Resumo:** O relato é resultado da reflexão dos conhecimentos produzidos interculturalmente

no percurso do Curso de Magistério Indígena, Nível Médio da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (2006-2011). Foi elaborado a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Estadual Kijetxawê Zabelê, no município de Prado/BA; das vivências nos projetos das comunidades Pataxó em Cumuruxatiba/Kaí e nas trocas realizadas com meus colegas e professores, especialmente, com os saberes dos Troncos Velhos das Aldeias de Cumuruxatiba.

**Palavras-chave:** Troncos Velhos; Pataxó; Cumuruxatiba.

**Abstract:** The report is the result of the reflection of the knowledge produced interculturally in the course of the Indigenous Teaching Course, Middle Level of the State of Bahia's Education Secretariat (2006-2011). It was elaborated from the pedagogical practices developed in the State School Kijetxawê Zabelê, in the municipality of Prado / BA; of experiences in the projects of the Pataxó communities in Cumuruxatiba / Kaí and in the exchanges with my colleagues and teachers, especially with the knowledge of the Old Trunks of the Villages of Cumuruxatiba.

**Keywords:** Old Trunks; Pataxó; Cumuruxatiba.

## Considerações Iniciais

A revitalização cultural nas aldeias de Cumuruxatiba vem sendo construída com a participação significativa dos Troncos Velhos. Cada um tem papel singular e fundamental nos conhecimentos da culinária, da etnomedicina, da agricultura, da arte, do *Patxohã*. Neste sentido,

estaremos trazendo abaixo um pouco da sabedoria destes (as) guerreiros (as) que estão construindo e revitalizando a cultura Pataxó.

### **Baiara: um guerreiro Pataxó orientado pela lua**



Baiara- Aldeia Pequi. Acervo do Projeto PUTXOP/FAPESB/CNPQ

Baiara (64 anos) é um dos Troncos Velhos da aldeia Pequi. Seu nome em português é Ananias, mas dentro da comunidade todos o conhecem como Baiara. Segundo Baiara, sua vida quando criança era bem diferente de hoje, ele nunca frequentou a escola, e a escola que seus pais o deram foi o trabalho com a roça e com a pesca, iniciando aos 8 anos de idade.

As brincadeiras que Baiara recorda eram: esconde-esconde, joti, roda, cavalo com varas. Quanto às cantigas de roda, não lembra muito, pois era de costume fazer os grupos de mulheres e de homens. E o grupo que cantava era o das mulheres, os homens só acompanhavam, por isso ele não recorda de muitas cantigas de roda. Baiara se entusiasma, ficando alegre e com saudades das brincadeiras em noites de lua cheia, e como sempre moraram na aldeia, diz que era lindo ver a lua na praia, com fogo no terreiro, brincando com os colegas. Baiara conta, que o trabalho na aldeia sempre foi em conjunto, ninguém trabalhava individualmente, assim como acontece em sua aldeia Pequi. Ele diz que começou a trabalhar com 13 anos de idade. Trabalhava com sua mãe plantando cana e mandioca, enquanto seu pai limpava o terreno. Com 21 anos de idade, parou de

trabalhar com a roça e começou a pescar, fuchar lagosta, tainha e colocar rede. Mariscava no mangue o caranguejo, o siri, o aratu e o guaiamum.

Para o plantio, como para a pesca e a mariscagem, Baiara conta que sempre foi guiado pela lua. “A lua boa para plantar é a nova, quando ela está fininha, da grossura de uma unha”, afirma Baiara, começando a plantar até ela ficar bem grossa. Baiara diz que o pescador e o marisqueiro devem ter o contato com a lua, pois a lua fala a hora que a maré está cheia, e a hora que a maré está enchendo, e que ele só aprendeu a pescar nas épocas da lua, onde se pode saber onde tem peixe e onde não tem.

Baiara diz que nem tudo se aprende na escola, “na escola o cara aprende vamos dizer assim pela teoria..., mas com os mais velhos se aprende pela prática”. Como ele, que nunca foi à escola, mas aprendeu coisas que não estão na escola, por exemplo o seu conhecimento sobre a lua e o trabalho. Para Baiara, “O professor de cultura deve estar amadurecendo com os mais velhos, ele tem que estar amadurecendo, pois aí ele vai aprender mais um pouco e vai passar para os seus alunos e outras pessoas que às vezes não conhecem a parte indígena”. Conclui Baiara.

### **Jonga: uma lição de trabalho e resistência**



Jonga- Aldeia Kaí- Arquivo PUTXOP

Jonga é um dos troncos velhos da Aldeia Kaí. Seu nome é João da Conceição, conhecido por todos como Jonga.

Jonga diz que desde que se entendeu por gente esteve em Cumuruxatiba e pontua que sua vida não foi ruim, apesar de ter ficado órfão de pai e mãe ainda quando criança. Segundo Jonga, Cumuruxatiba é o lugar onde Pedro Álvares Cabral avistou o Brasil, dando início a invasão dos territórios dos nativos. Para tanto o mesmo diz:

[...] Só se vê esse Monte Pascoal daqui de Cumuru, passou da ponta do Corumbau pra lá não vê mais Monte Pascoal. Então, vamos dizer assim, será que diz que Pedro Álvares Cabral veio seguindo a pedra e chegou na terra, será que ele não veio seguindo esse monte não foi aqui nesse trecho? Se só se vê esse monte até Corumbau, então se ele veio seguindo a pedra e encontrou terra, então ele chegou foi aí na Barra do Kaí, mesmo aonde o Povo fala né, eu acredito nisso, porque esse monte ninguém vê mais daí.

Lembrando do “Fogo de 51”, Jonga recorda o que vivenciou com seus 9 para 10 anos em Cumuruxatiba, relatando:

Pegaram meu avô, espancaram muito, bateram nele. Foi onde a gente saiu fugido daí do Rio Corumbau pra Vila de Cumuru, porque aqui, a gente tinha parente aqui, já morava parente da gente aqui, então na hora, que a gente fomos massacrados lá, aí não tem jeito, o jeito é nós abrir fora mesmo, e vinemos corrido pra aqui pra Cumuru, então chegando aqui em Cumuru, um bocado acomodou aqui, como eu, meu avô, mas o resto que veio fulgido de lá, achou que aqui estava perto e correu mais pra frente e foi pra Caravelas e aí dividimos o Povo.

Jonga recorda que brincava de roda, cantando. Fazia a roda no terreiro e brincavam juntos meninos e meninas. Acerca das brincadeiras, Jonga diz que hoje não se vê muito isto. Mas que ele ainda se lembra das brincadeiras que sua avó e bisavó ensinavam e ele brincava com suas irmãs, seus irmãos e com sua mãe. Mostrando que não há idade para se brincar, Jonga lembra e diz: “[...] tinha uma tia também que morava em Caravelas que chamava Luciana, essa era uma moçona, aí ela também cantava roda mais nós”.

Acerca de sua vida escolar, Jonga diz ter ido na escola, pois naquela época já tinha uma professora em Cumuruxatiba que era Dona Malha, que não era índia e era do Norte, e tinha Dona Corina, uma senhora Negra. Jonga recorda que antes de ir para escola ele tinha que trabalhar; sendo que a escola não tinha livros, caderno, caneta. Em trecho de sua entrevista coloca que:

[...] a gente ia pra escola, chegava lá ficava esperando aquela caneta passar de mão em mão, que era a que tinha para todo mundo escrever, como fazer conta. O quadrozinho que a gente tinha naquela época, de fazer conta, era daqueles de pedra, nos quadros de

pau mesmo...levava aquele papel que a gente comprava açúcar na venda, aquelas folha de papel, pras professora passar os dever ali pra gente fazer.

Jonga diz que começou a trabalhar com 8 anos na roça com a enxada e o enxadão junto com seu avô, pois ele que tomava as decisões. Ia para a roça, plantava a mandioca, e ele carregava água para beber, bem pequeno, mas já na atividade da roça. Medindo as roças com vara, braço e pelo pé. Depois com a morte de seu avô ele teve que trabalhar para outras pessoas e teve que montar a cavalo e madrugar no campo para tirar leite e curar vaca. Até que pegou 15 anos e foi cuidar da sua vida sozinho.

Na pesca seu Jonga recorda que redava com pulsar, feito de tucum que a avó dele mesmo tirava no mato e fiava e coxava no fogo para fazer a linha dos cabelinhos do tucum e seu avô costurava as redes, com a agulha de pau que ele mesmo fazia. Redava no rio com um cesto, chegando no rio cada mulher pegava um cesto e caia no rio para cestar e pegavam camarão e peixe. Depois apareceu o pulsar, a rede de pulsar e redar no mar.

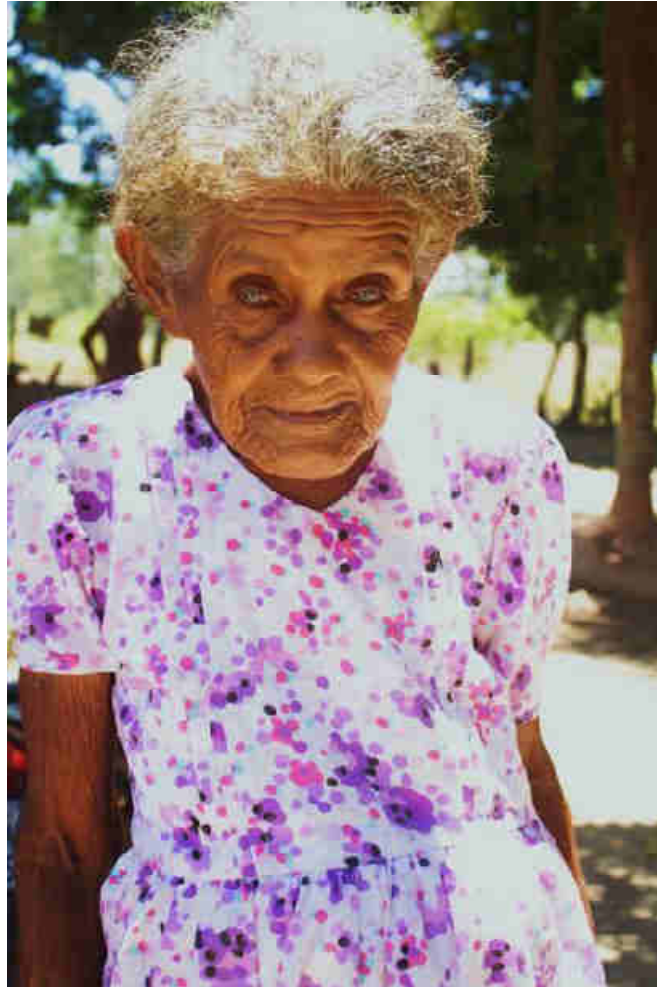
Sobre a lua, Jonga diz que a lua mostra que tipo de planta deve ser plantada:

A lua cheia é boa para plantar coqueiro, banana; depois da lua cheia, três dias depois se planta a mandioca e a cana; no quarto crescente de lua não é bom para plantar, pois não cresce muito e não dá raiz suficiente para alimentar, ficando aqueles fiapos. Com a pesca, a lua cheia não pega peixe, pois o peixe não tem influência para comer, sendo boa para pescar a lua escura, pois o peixe fica sem medo e sai mariscando pela claridade dos olhos dele mesmo.

Acerca da Educação Escolar Indígena em nas comunidades Pataxó, jonga diz e conclui:

Hoje em dia ensinar no livro é muito fácil. A senhora bota o livro aqui e diz: [...] aqui seu Jonga, e a Senhora só passa aquilo ali, agora eu tomo o livro da Senhora e ponho aqui e digo: agora a Senhora me diz aí o que é o negócio do remédio do mato aí. A Senhora não vai saber, porque a Senhora não tem aquela sabedoria, porque hoje em dia quem sabe essas teorias todas, são os idosos, não somos nós, a Senhora, que vamos dizer assim, que já é uma pessoa mais nova, então essas pessoas assim eu acho que tu tens que aprender e buscar esse negócio dessa cultura nossa aí

## Burú: saberes na aldeia urbana Cumuru Pataxó



Burú-Arquivo PUTXOP

Burú é um dos troncos velhos da aldeia Kaí, hoje já falecida, permanece sua sabedoria no trato com as ervas, rezas e benzeções. Contando um pouco de sua vida Burú nos relata:

Quando eu era pequena gostava de pescar no rio com sua avó Maria, quando mamãe ia para o ribeiro lavar as coisas eu pegava a tarrafa de papai, jogava nas costas e quando chegava no rio mamãe ia lavar e eu tarrafar. Eu era tão pequena que ficava com a água no pescoço, toda vez que jogava a tarrafa pegava muitas mujas (peixe pequeno), eu também entrava no mangue, pegava caranguejos, siri e talioba, era o que eu mais gostava de fazer, tanto minha filha, que eu era a companheira de redar do seu avô. Brinquei até moça, eu gostava de brincar de bonecas de pano, que eu fazia bonitinha. Aprendi com mamãe, ela fazia cada boneca mais bonita que a outra. Eu tinha muito ciúme das minhas bonecas. Esse tempo era tão bom, mãe ensinou eu e as minhas irmãs fazer alguma coisa nesse tempo, não tinha escola, mas com ela aprendi a fazer boneca. Nêê aprendeu fiar tucum, Maria pequena e as outras aprenderam a fazer redes, tarrafas, de tudo aprendemos um pouco, nós também gostava de ajudar nosso pai, os meninos, seus tios Manoel e Cece, eles ajudava papai na roça, pescar, remendar as redes e fazia também. As cantiga de antigamente era tão bonitas, tinha muitos velhos, cantiga de brincar de roda. Era bom, muitas vezes papai fazia fogueiras na frente de casa e a gente brincava de roda, papai, mamãe e ciriri bacurau era tudo seus parentes. Contavam tanta história boa naquele tempo, nós respeitava muito nossos pais e os mais velhos, quando a gente fazia um erro, o



nosso castigo era ficar uma semana sem brincar na fogueira nem escutar as histórias, então ninguém queria fazer nada errado.

### Jovita: guardiã da sabedoria com as ervas e rezas Pataxó



Pajé Jovita-Aldeia Kaí. Acervo PUTXOP

Jovita é um dos troncos velhos da aldeia Kaí, hoje atual Vice-Cacique e Pajé da mesma aldeia. Jovita Maria de Oliveira (Escorpiã), nasceu entre a pedra preta entre Corumbau e Cuumuruxatiba, neta de Firmo. Morou no Rio do Peixe Pequeno e depois veio para Cumuruxatiba. Abaixo Jovita nos conta um pouco sobre sua vida.

Minha infância foi muito boa, nós só andava nú, tinha muita fartura, não tinha desmatamentos. Nosso pai nos ensinava a conversar com os pé de árvore e até hoje eu dou bom dia as minhas plantas na horta. Nós não era proibidos de fazer nada, eu era pacata, não conhecia ninguém, depois da chegada dos brancos que nos expulsaram das nossas terras começou o sofrimento. Tinha muitas brincadeiras, chicotinho queimado, Maria rolou. A educação era rígida, a gente respeitava muito nossos pais. Quando papai ou mamãe estava conversando com alguém, quem era nós para passar no meio da

conversa, ai ai! Mas era melhor assim, pois tiro o exemplo de hoje em dia. Hoje não me sinto bem porque vejo muita violência em nosso meio

### Zabelê: uma chama que permanece acesa



Zabelê- Aldeia Tiba. Acervo PUTXOP

Zabelê é um dos troncos velhos da aldeia Tibá, hoje já falecida. Uma chama acesa da cultura Pataxó que colaborou na reconstrução e revitalização do *Patxohã*. Nasceu em Barra Velha, onde conta que foi expulsa pelos *indihy* (não índios), vindo morar em Cumuruxatiba. Zabelê diz que quando ela chegou em Cumuruxatiba já tinha índios, sendo chamada de aldeia dos caboclos. Segue abaixo trecho de entrevista realizada com Zabelê.

Quando eu era criança trabalhava muito ajudando meus pais na roça e ainda ajudava mamãe a cuidar do *Kijeme*, dos irmãos pequenos, mas a vida naquele tempo era boa, eu era feliz, tínhamos muita terra, não passávamos fome. Papai pegava muitos peixes, muitas caças, era um tempo de muita fartura de comida, de saúde, vivíamos a vontade. Eu gostava muito de brincar de jote, da onça pelada, de jogar pedrinha, oh essa brincadeira de pedrinha é bom você brincar com Christine e os meninos na escola, eles vão gostar, é



assim: a gente pega cinco pedrinhas no chão, faz um buraco entre os dedos, joga uma pedra para cima e vai empurrando as outras para dentro da mão, se a pedra cair você ganha, eles vão saber contar as coisas, tem um bucado de brincadeira boa, quando eu lembrar eu conto pra você. Naquele tempo nós tinha era outra educação né, respeitava muito os nossos pais, as pessoas mais velhas da nossa comunidade, e hoje é difícil a gente ver isso, os meninos não respeitam os professor deles, quanto mais a benção os mais velhos. Papai sabia medir as coisas e contar, nunca foi na escola mas sabia. Ele media quando ia fazer uma roça, media com os passos dos pés ou com os braços, medindo em cordas e também sabia a época de plantar as roças, tinha de ser acordado com a lua, hoje é poucos os que usam isso, acho que só eu e meu velho. Meu pai não estudou e como sabia contar né? Minha filha eu não sei, mas eu acho que era os encantados da mata! Meu pai tinha uma coisa, ia para mata e ficava contando e chamando os encantados, às vezes eu ficava com medo, mas depois acostumei. Até quando mudamos para Cumuru já tinha escola, mais eu nem Manoel deixava os meninos ir na escola, já tinha brancos pra me roubar meus filhos e parentes, você lembra não deixava a sua mãe mandar você e Rita sua irmã para a escola. Mas tudo vai mudar minha filha, com as nossas escolas dentro das aldeias.

### **Maria Guedes: guerreira da revitalização cultural Pataxó na aldeia kaí.**



Maria Guedes- Aldeia Kaí. Acervo PUTXOP

Maria José Santana Guedes, Andorinha Pataxó. Nasceu nas margens do Rio Kaí, sempre

morando em Cumuruxatiba com seus pais e irmãos. Observemos abaixo o relato de Dona Maria Guedes.

Eu sempre morei por aqui, papai e mamãe também. Eu e meus irmãos nascemos lá na Barra do Kaí. Nessa região era tudo aldeia, olha, aqui em Cumuruxatiba minha filha, era uma aldeia que só morava caboclo. A gente andava nesse trecho sem medo, depois mudamos para aqui onde estou hoje. Um lugar tão bom da gente viver. E as coisas que a gente comia no Rio Kaí, aqui não come mais, porque não tem onde a gente panhar mais, é caranguejo, é caça do mato, é peixe do rio. O que a gente comia era isto, não tem mais como pegar, o jeito é comer outras comidas, que as comidas que estão aparecendo hoje em dia é umas comidas tudo contaminadas. É por isso que está aparecendo muitas doenças nas pessoas, é das comidas que a gente come e isso não dá certo, quem não tem costume dessas coisas, as comidas que eu comia era peixe do rio, caranguejo, guaiamu, isso aí é tudo saudável do mangue, do rio, e aí as pessoas era sadia também, e hoje as pessoas não vive mais sadia, por causa de muita comida contaminada que as pessoas come. Nós brincava de casinha, barquinha, nós pegava peixe no rio, mamãe dava pra nos fazer cozinhado, nós brincava o dia todo, com aquelas barraquinha de palha, fazia boneca, nós brincava de boneca, com um monte de menino, mamãe tinha um monte de menino, nós não estudava porque não tinha colégio em canto nenhum, quando eu cresci o pessoal me perguntou se eu não sabia leitura, eu disse que não, porque não tinha onde estudar. No outro tempo não é como hoje dia, hoje em dia está um negócio sério, um negócio esquisito, que a pessoas sente falta do que passou há muito tempo, que as coisas antigamente era muito melhor que hoje em dia, não é como hoje em dia, hoje em dia a pessoa não pode falar nada, tem que ficar quieto, e é mesmo, e antigamente não, as pessoas tinha uma vida assim, feita assim que tava que nem um passarinho, passarinho se quiser beber bebe, se quiser comer come, sem ninguém tomar conta, com medo, quem toma conta dele é Deus, viver uma vida assim tranquila, pois aquilo que vivia, queria botar uma roça, botava uma roça onde queria, hoje em dia a pessoa não pode sair de um canto para voltar para outro, que tem dono o dono já está pegando fogo, aí já não dá certo, o negócio está feio, feio, feio, feio. Artesanato hoje eu faço de cipó eu sei fazer vassoura, peneira, samburá, cesto.

Segundo Dona Maria, é na escola que a cultura tem que estar, é lá, para que ela possa ser revitalizada e construída.

### **Considerações Finais**

Ter construído este trabalho nos fez refletir sobre o nosso papel como educadores, tendo a responsabilidade em estar promovendo uma educação escolar indígena intercultural, diferenciada, bilíngue e de qualidade. Neste sentido, enfatizamos que com cada entrevista realizada com os Troncos Velhos das comunidades tivemos a certeza que esta educação só será possível a partir de um diálogo com os Troncos.

No lugar de professores-pesquisadores, temos a consciência que muito precisamos avançar neste mundo da pesquisa, construindo outras histórias, outras epistemologias. Esse é o nosso desafio, construir conhecimento que colabore com o processo de descolonização.

**Cristiane Maria de Oliveira – Jandaia Pataxó:** Professora do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, possui Licenciatura Intercultural Indígena pelo IFBA – Porto Seguro – Bahia. Atua na formação continuada de professores Pataxó pelo Ação Saberes Indígenas na Escola/MEC.

**Paulo de Tássio Borges da Silva:** Doutorando em Educação pelo PROPED-UERJ, mestrando em Linguística e Línguas Indígenas pelo PROFLIND – Museu Nacional-UFRJ, mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Especialista em Educação Infantil pela UESB – Campus de Itapetinga, graduado em Pedagogia pela UNEB – Campus X.

**Artigo recebido para publicação em:** Abril de 2018.

**Artigo aprovado para publicação em:** Maio de 2018.